

AS COSMOVISÕES E IMAGENS DO HOMEM UM EXERCÍCIO DE EPISTEMOLOGIA FUNDAMENTADO NA TELEOLOGIA E NA ONTOLOGIA FRANKLINIANA

Enidio ILARIO

Aluno do Mestrado em Filosofia da Ética
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

I - INTRODUÇÃO - METODOLOGIA E ARQUITETURA DO MODELO

A imagem de homem é condicionada e condiciona, de uma forma ou de outra, as ações praticadas na quase totalidade dos campos do conhecimento humano. Definem-se a partir dessas imagens de homem, nesse caso a “imagem hegemônica”, as prioridades na política, na economia e nas ciências, em especial na psicologia e na medicina.

Uma metodologia, entendida essa como método ontológico integrador, pode permitir uma mais efetiva crítica epistemológica, de tal forma que possa lançar luzes sobre as práticas exercidas em nome de um saber que, no mais das vezes, reflete uma visão reducionista e determinista do homem.

O modelo analógico dessa ontologia parecerá talvez num primeiro momento, um tanto mecanicista na medida em que pode,

por assim dizer, ser chamado de “ordine mecânica demonstrata” pois a escolha de uma métrica, no sentido de uma geometria projetiva, para o “espaço e o tempo” compete à Física enquanto disciplina. No entanto, sem a pretensão inicial de estabelecer um modelo matemático ou mecânico, a escolha de uma métrica de eixos ortogonais, como veremos, não é arbitrária, antes remete ao território do simbólico.

Tais modelos, não por acaso, constituem um plano a partir de eixos ortogonais que são utilizados em inúmeros campos do conhecimento para demonstração de conceitos abstratos. Daí, pleiteia-se para essa metodologia uma legitimidade que se funda no território do simbólico mas que permite também exercícios indutivos e dedutivos. A consequência dessa “legitimação” pode emprestar ao método característica axiomática no campo a que se propõe explorar, permitindo a partir daí verdadeiros exercícios de lógica onde, uma proposição metodológica como a de Bachelard acerca do espírito científico: *“tornar geométrica a representação, isto é, delinear os fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos...”* (Bachelard, 1966 p. 7) é levada “ao pé da letra” no método que ora se propõe.

É a partir da finalidade (TELOS) que se constrói o método para uma ontologia integradora de conceitos usualmente dispersos em diferentes correntes do pensamento em psicologia, filosofia e antropologia. E como é a partir da Teleologia que se desenha esse estudo, o método fenomenológico fará o papel estratégico no sentido de permitir o exercício da imaginação criativa sem abdicar do crivo científico no estudo dos signos e conteúdos simbólicos da linguagem. Afinal, de que outra maneira seria possível integrar tantos conceitos senão pela via do imediatamente sensível? É através da linguagem simbólica, da imaginação e da memória, que se tornam possíveis sínteses imediatas (imagens) capazes de nos dar a conhecer o mundo pela criação de um constructo “análogo” a ele. Será que essa linguagem pode nos dizer, por estranhos e numinosos caminhos, como as coisas e os homens poderiam ter sido ou poderão vir a ser.

Pretende-se, nesse exercício “onto-teleológico”, seguir o caminho da crítica gnoseológica (Epistemologia), todavia, não se deixar enredar por especulações metafísicas que se imiscuem a todo o momento no decurso da construção desse modelo, nem sempre é fácil, como veremos.

A COLONIZAÇÃO PELOS CONCEITOS NOS EIXOS ORTOGONAIS

Quando falamos de *ontos* falamos de *logos* enquanto princípio ordenador, espécie de grandeza vetorial capaz de estabelecer tensões no campo do Ser. O *logos*, como realização metafísica do sentido, remete obrigatoriamente, pelo menos empiricamente, a sistemas ou estruturas de ordenação complexas que configuram finalidades num campo que convençionamos chamar de plano ou território. Os conceitos como autoteleologia e heteroteleologia, serão traduzidos, não sem uma certa dose de liberdade, como “*individuação*” e “*associação*” respectivamente. O “princípio da individuação” fundamenta e confere cunho individual a todo o fundo ontológico de um ente (Brugger, 1987 p. 231), enquanto *associação* pode ser entendida tanto como algo de material ou psíquico, nesse último caso, como *comunicação* ou *intersubjetividade*.

Do vetor direcionado à associação derivam os seguintes conceitos: *sociedade*, *convivência* e *interdependência*; do vetor direcionado à *individuação* derivam os conceitos *indivíduo* e *autonomia*. Esses princípios (*individuação* e *associação*) configuram um só eixo horizontal e estão postos dentro do plano da imanência, concebido, ainda que de forma crítica, como descrito por Deleuze/Guattari¹

(1) O plano da imanência tem duas faces, como pensamento e como Natureza, como Physis e como Noûs. É por isso que há sempre muitos movimentos infinitos presos uns nos outros, dobrados uns nos outros, na medida em que o retorno de um relança um outro instantaneamente, de tal maneira que o plano de imanência não para de se tecer, gigantesco tear. (Deleuze pag.54 e 55)

mas epistemologicamente identificado com o “Englobante” ou “Circundante” de Jaspers (Jaspers apud Flavio Nuñez, 1979 p.37). Esse eixo ou coordenada cinda e é cindido por outro eixo, esse vertical, formando um plano ortogonal, espécie de gráfico cartesiano. Por definição o ponto onde os eixos se interceptam é denominado *origem*, origem de vetores de mesma direção e sentidos opostos. a transcendência e, aí surge a possibilidade da heresia na concepção do vetor descendente. É nesse último eixo, o vertical, que a fundamentação se torna mais complexa e de certa forma temerária posto que, embora parcialmente imerso na imanência, tal eixo é postulado como sonda do insondável, do Supramundo e do Caos, espécie de *Axis mundi*².

No eixo vertical continua em foco, como fundamentação, a “finalidade”, confundindo-se essa, no seu vetor ascendente, com a transcendência. Não caberia aí a introdução do conceito de “ciscendência” (sub-transcendência)?³.

Posto que tais reflexões remetem obrigatoriamente a questões metafísico-teológicas, cabe aqui delimitar tais conceitos ao campo do patológico, phatos do homem e quiçá da própria filosofia⁴. Dessa forma se justificam conceitos que habitarão esse eixo vertical

(2) Assim descreve Mircea Eliade o Axis mundi: “Os três níveis cósmicos - Terra, Céu, regiões inferiores tornam-se comunicantes, ..., a comunicação às vezes é expressa por meio da imagem de uma coluna universal, Axis Mundi, que liga e sustenta o Céu e a Terra, e cuja base se encontra cravada no mundo de baixo (que se chama “Infernos”) Essa coluna cósmica só pode situar-se no próprio centro do Universo, pois a totalidade do mundo habitável espalha-se à volta dela.” (O Sacro e o Profano pag. 38)

(3) Ciscendência: Aqui utilizado no sentido oposto ao de transcendência (na minha opinião, no contexto, melhor do que imanência) - de cisão: ato ou efeito de cindir; divergência; desacordo; dissensão (Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa). Ainda com o mesmo sentido, há o vocábulo composto sub-transcendência: o ódio como movimento negativo em direção ao caos.

(4) Precisamente porque o plano de imanência é pré-filosófico, e já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante, e seu traçado recorre a meios pouco confessáveis, pouco racionais e razoáveis. São meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, das experiências esotéricas, da embriaguês ou do excesso. Corremos em direção do horizonte, sobre o plano de imanência; retornamos dele com olhos vermelhos, mesmo se são os olhos do espírito. (Deleuze pag 58-59)

seguindo caminhos intelegíveis dentro do método proposto, a exemplo dos conceitos acoplados: Logos/Ser e Idéia/Cultura em oposição aos conceitos Caos/Nada e Matéria/Natureza.

Cumpra finalmente dar aos eixos ortogonais, uma estruturação concisa, nomeando-os em primeiro lugar como “vertical” e “horizontal” e, é importante ressaltar, constituem dimensões de naturezas diversas e não antitéticas (Mondin, 1980 p. 257- 261). Da tensão entre essas duas dimensões se estabelece o “Plano da imanência” compreendida esse como o “englobante” de Jaspers⁵. Esse “Plano da Imanência” é delimitado no eixo horizontal, pela história ou seja, a partir do surgimento do homem como indivíduo (ôntico) e como sociedade(cultura) e, no eixo vertical, delimitado pela “transcendência” no vetor ascendente e pela “ciscendência” no vetor descendente.

Até esse ponto, vem sendo gradualmente justificada a estrutura básica do plano em seus dois principais eixos. Há, no entanto, uma infinidade de eixos que instauram infinitos planos; o número deles é proporcional ao número de conceitos existentes hoje e em todos os tempos. Os conceitos futuros poderão habitar esse espaço com tanto conforto ou mais que os presentes. No entanto, é a partir dos eixos ortogonais x e y que se desenha o método, pois será no espaço delimitado por eles, os quadrantes, que se desenvolverão as mais fecundas experimentações .

O gráfico ortogonal funda através dos eixos x e y um plano (protoplano) que, na verdade, delimita quatro territórios a que chamaremos de quadrantes. Traçados os quadrantes no “protoplano”, cabe então colonizar esses territórios com novos e velhos conceitos. Essa colonização significa derivar de duas dimensões de naturezas diver-

⁽⁵⁾ Em relação ao conceito jasperiano “englobante”, que tem como sinonímia “circundante” e “abarcante”. Em Jaspers, o homem toma consciência da autotranscendência sobretudo nas situações limite (Grenz-Situationen). ..Ademais, para Jaspers, essa transcendência do homem diz somente que o seu ser está imerso num “todo-circunscrevente” (das Umgreifende) que não acha nunca expressão adequada em nenhuma das coisas intramundanas. (B.Mondin pag. 252)

sas representadas pelos “protoeixos”, conceitos integradores. Conceitos precisos, situados no cruzamento de linhas perpendiculares traçadas a partir dos conceitos presentes nos eixos originais (coordenadas) e que incorporam a essência dos conceitos referenciais respectivos.

DA INTEGRAÇÃO DOS CONCEITOS AOS CONCEITOS INTEGRALIZADORES

A mediação dialética se dá pela via dos conceitos expressos nessas dimensões diversas, somente daí surgem os conceitos de categorias superiores, chamados aqui conceitos integralizadores. Imperioso se faz aqui explicitar as propriedades dos eixos ou vetores que definem “dimensões diversas” uma vez que de outra forma, tornar-se-ia no mínimo confusa a definição de territórios ou quadrantes para se processar uma síntese na acepção dialética do termo⁶.

Seguindo a mesma linha de reflexão, infere-se que uma mediação dialética direta a partir de conceitos vetorialmente de

⁽⁶⁾ É importante aclarar a forma de mediação dialética que se lança mão nesse método, posto que essa, enquanto forma de abordar a negação é a negatividade, mostra-se **diferente** de Hegel, mais afim com a Lógica (Doutrina de ESSÊNCIA): “...o negativo e o positivo são vistos como o paradigma de oposição, uma forma elevada de negação em que cada termo não é simplesmente o outro que não é o outro (tal como vermelho é o outro que não é azul, verde etc.), mas o seu outro (tal como o norte é o outro do sul). O negativo que é oposto ao positivo, neste caso, é distinto do negativo envolvido na negação hegeliana: o positivo nega o negativo como tal, assim como o negativo nega o positivo, e é tanto negativo quanto positivo. “A tendência de conceitos opostos para passar de um lado a outro é uma das forças impulsionadoras da DIALÉTICA de Hegel: por exemplo, SER puro converte-se em puro NADA e vice-versa. Tais inversões envolvem uma unidade NEGATIVA intrínseca dos dois conceitos. Assim, para Hegel, diferente de Schelling, os opostos não se fundem em um só (nem emergem de um) ABSOLUTO neutral ou ponto de indiferença, mas são transformados um no outro em seus pontos supremos.” (Dicionário HEGEL - Michael Inwood - pag. 239-245)

mesma direção e sentidos opostos é um relacionamento de exclusão, produzindo tão somente conceitos vazios. Tal se dá, na medida em que conceitos em oposição polar não são conciliáveis ou superáveis por conceitos de “categoria superior” no mesmo eixo ou direção; são isto sim neutralizáveis, exceto por um que veremos adiante, anulam-se mutuamente e essa a anulação se manifesta como propriedade da ortogonalidade no ponto de entrecruzamento dos eixos ou *origem*, convencionado zero.

Cabe aqui, por mais complexo que seja, fundamentar a afirmação anterior a partir da analogia entre os conceitos “individualidade” e “sociedade” com os números transcendentais manifestos como “unidade” e “pluralidade” (Brugger, 1987 p. 297). O *número transcendental* é distinto do conceito de “transcendente” na medida em que esse último não pode ser expresso por uma equação algébrica com coeficientes racionais, segue daí que, no ponto de interseção dos vetores vertical e horizontal encontra-se uma espécie de “zona neutra conceitual” entre a pluralidade e a unidade; entre a transcendência e a ciscendência e; entre o ser e o nada. Decorre dessa linha especulativa que, o ponto zero é uma espécie de ponto germinal ao qual o único conceito adequado é o de “Potência” (Brugger, 1987 p. 326-327). É possível exemplificar esse último ponto a partir dos conceitos polares Ser e Não Ser ou ainda Ser e Nada. Absurdos do ponto de vista da lógica formal, seriam conceitos do tipo Ser não sendo, Não sendo ser, Ser Nada ou Nada Ser de certa forma nulos conceituais a não ser pelo único conceito integrador admissível o de “potência”, inclusive enquanto “potência pura”⁷.

(7) A potência (do latim posse: poder), como fator parcial forma, juntamente com o ato, a estrutura do ente finito. (...) No que tange à essência da potência, ela só pode ser descrita por sua relação com o ato, como a possibilidade real ou aptidão para ele. Mas aqui trata-se da potência subjetiva, que, como sujeito real do ato a ela agregado co-estrutura o real. Esta é a potência pura (isenta de ato), quando não traz consigo nenhum ato nem pressupõe nenhum ato que lhe sirva de fundamento. (Brugger pag. 326-327)

Retomando-se aqui o conceito *Devir* com os seus dois princípios ontológicos *ato* e *potência*, princípios em tensão entre o ser e o dever-ser, de tal sorte que o homem, dessa forma, é um ser devenida na medida em que atua no campo da imanência, tensionando-o. É na tensão das dimensões simbolizadas pelos eixos ortogonais que se desenha a valência do *ser*, seu campo de ação. De outra forma, isolado no paralelismo ortogonal dos proto-eixos, preso à *horizontalidade* torna-se o homem pura objetivação, puro *objeto* passivo isolado ou agregado e, preso a *verticalidade* torna-se apenas *idéia* ou *sombra*. Decorre dessas constatações o cuidado em evitar-se conceitos como “autotranscendência vertical” e “autotranscendência histórica” (Mondin, 1980 p. 257-261) uma vez que não se supõe possível, nesse modelo, a autotranscendência horizontal pois esse eixo é o delineador referencial do plano da imanência e a suposição de uma autotranscendência horizontal é puro imanentismo. Por outro lado, a “autotranscendência” isolada do mundo circundante é compreensível somente como uma espécie de pragmatismo muito mais afim à “ciscendência” do que a transcendência propriamente.

Decorre do que foi exposto que, tomando-se o conceito de “sentido” como sentido para a vida e transpondo-o para o método que ora se desenvolve sob uma concepção “dinâmica” espécie de grandeza vetorial, a existência somente é concebível enquanto uma resultante das forças presentes nos dois eixos ortogonais. Tomando a liberdade de transpor as reflexões de Viktor Frankl acerca do sentido da vida: Ser é tensionar o campo da imanência e, no tempo, imprimir as marcas dessa tensão, a fotografia existencial; o passado salvo nas impressões indelévels na história de vida e na história em geral. Há de se advertir que V. Frankl, ao referir-se ao sentido da vida, lança mão do método da Análise

Existencial como forma de permitir a consciencialização do espiritual e: *“trazer o homem à consciência do seu ser-responsável”* (id. p. 55). Portanto, é essencialmente ao “homem incondicionado” a que alude:

“O “homem incondicionado” é, em primeiro lugar, o homem que é homem em todas as condições, e que mesmo nas situações mais desfavoráveis e indignas permanece homem - o homem que em condição alguma renega sua humanidade, mas pelo contrário, “está com ela” de forma incondicional.” (Frankl - F.A., 1978 p. 67 -178)

Daí, o presente estudo, não pretender fugir à essa linha diretriz, mesmo que, à uma análise mais apressada, possa parecer que aqui se empreende uma espécie de reificação do homem em meros conceitos. O risco desse julgamento reside no fato de que, nesse método “onto-teleológico”, se entrevê, tal como na dialética hegeliana⁸, uma espécie de “enteléquia” que faz dos conceitos, como aos homens, devenientes. No entanto, não há que se apartar o método do enfoque fenomenológico, onde os conceitos somente se prestam a dirigir o olhar ao não-conceitual, mas nem porisso deixam de possuir uma logicidade dentro da conexão intrínseca que lhes dá validade.

⁽⁸⁾ Quando se fala em “uma dialética”, refere-se à uma forma de autodesenvolvimento das idéias ou dos conceitos como em Hegel, que acredita que os conceitos filosóficos se desenvolvem a partir uns dos outros. Pode-se falar de uma dialética interna aos conceitos, no entanto, entendida essa mais como uma forma não sofisticada de acompanhar a índole natural dos conceitos, inferir suas contradições e propor soluções para elas (Dicionário Hegel pag 90 a 101)

TEODICÉIA ⁹

O HOMEM RELIGIOSO E A TENSÃO ENTRE O UNO E O MÚLTIPLO

“A deserção da morte está encerrada na vida; sem ela não haveria vida, e a posição do Homo Dei acha-se no meio, entre a deserção e a razão, entre a coletividade mística e o individualismo inconsciente.”

(Hans Castorp em “A Montanha Mágica”- Thomas Mann)

Que me seja aqui permitido intentar o improvável; corro assim o risco de passar por arrogante mas, a tentativa de conciliação entre a coletividade e o indivíduo não deixa de ser a tentativa de compreender o paradoxo da fé, como assim define Kierkegaard, o movimento do infinito na figura de Abraão:

“É agora meu propósito extrair da sua história, sob forma problemática, a dialética que comporta para ver que inaudito paradoxo é a fé, paradoxo capaz de fazer de um crime um ato santo e agradável a Deus, paradoxo que devolve a Abraão o seu filho, paradoxo que não pode reduzir-se a nenhum raciocínio, porque

⁽⁹⁾ Teodicéia e um vocábulo criado por Leibniz e introduzido na filosofia pelo título de sua obra “Essais de Théodicée”: ...No século XIX, o significado do vocábulo sofreu várias ampliações até designar toda ciência filosófica que tem Deus por objeto ou - teologia natural. Contudo, em nossos dias, tal acepção, vai pouco a pouco tombando em desuso - De Vries (Brugger) - Para os escolásticos: ...Se Deus devesse incondicionalmente impedir o mal, ou sequer apenas o mal moral, sua liberdade seria restringida de maneira indigna e de antemão ficariam excluídos muitos bens excelentes (fortaleza, paciência, misericórdia, arrependimento, salvação - mas também a manifestação da justiça punitiva divina). Entanto, a maior vitória do bem parece ser precisamente que Deus sabe dirigir para o bem os piores males. A crença firme nesta vitória final do bem, que nos é alicerçada pela elevação de nosso olhar a Deus, deve fazer-nos perseverar pacientemente na luta contra o mal e na esperança da eterna salvação, a despeito da absurdidade e da tirania do destino.”

a fé começa precisamente onde acaba a razão.”
(Kierkegaard, 1979 p. 140).

A questão colocada por Kierkegaard sobre a validade da suspensão teleológica da moralidade pelo movimento da fé, não deixa, de certa forma, de ser a questão da compreensão do papel das cosmovisões e sua relação como o “Da-sein”. Essa problemática, essencialmente, é a do sentido teleológico, o qual, sempre exige que o fim seja alcançável e dotado de sentido, sob pena do ser então absurdo tender para ele. Obviamente, por ser “absurdo” o processo que, pela fé ou sua absoluta ausência (?), leva aos movimentos infinitos, a questão que se coloca é a da possibilidade da transcendência enquanto movimento dialeticamente inteligível e dotado de sentido. Tais considerações levam, fatalmente, a inferir que a ruptura com o plano da imanência, a transcendência e a ciscendência, são movimentos infinitos; movimentos de vertiginosa paixão, acessíveis somente aos cavaleiros da fé ou do caos e, que os levam a ter contato com o Absoluto ou com o Caos.

O personagem conceitual representado pelo cavaleiro da fé é aquele que oscila entre os extremos do plano da imanência, entre o coletivo e o individual¹⁰ mas, assim o faz, com tanta elasticidade e “elegância” que lhe é permitido quase que “parar no ar”, interromper

⁽¹⁰⁾ Kierkegaard em “Temor e Tremor” pag. 71 : “A diferença que distancia o herói trágico de Abraão é evidente. O primeiro prossegue ainda na esfera moral. Para ele toda a expressão da moralidade possui o seu TELOS em uma expressão superior da moral; limita essa relação entre pai e filho, ou filha e pai a um modo de sentir cuja dialética é referente a idéia da moralidade. Consequentemente não temos aqui uma suspensão teleológica da moralidade em si mesma. Muito outro é o caso de Abraão. Através de seu ato foi além de todo o estágio moral; tem para além disso um TELOS diante do qual suspende esse estágio. Pois eu gostaria de conhecer como é possível reconduzir o seu procedimento ao geral, como é possível descobrir entre o seu procedimento e o geral uma outra relação que não aquela de o ter ultrapassado.” O autor prossegue mais adiante (pag. 74): “...Este paradoxo que o leva até ao extremo e que não pode tornar compreensível a ninguém, pois o paradoxo consiste em que se situa como Indivíduo numa relação absoluta com o absoluto. Está, porém, Abraão autorizado a tanto? Se está, eis outra vez o paradoxo, pois não o está em razão de uma participação qualquer no geral, porém na sua qualidade de Indivíduo.”

esse movimento dialético; nas palavras de Kierkgaard, lhe é permitido então, a suspensão teleológica; é o próprio movimento infinito.

Pois bem, acaso não será tal suspensão, na verdade, a própria essência teleológica do homem, de tal forma que o movimento dialético somente se torne possível por etapas mediadoras? Mediação que se dá, primeiramente, entre duas dimensões diversas (eixo vertical e horizontal) para, finalmente, se dar entre as duas resultantes do processo; etapa que levará então à superação, à arremetida que, enfim superando o paradoxo, seja pura verticalidade capaz de levar “além” do plano da imanência. O próprio Kierkgaard entrevê essa possibilidade quando desenha os atributos do cavaleiro do infinito:

“Se acreditamos relativamente fácil ser Indivíduo, pode-se estar certo de que não se é cavaleiro da fé: pois os pássaros em liberdade e os gênios vagabundos não são os homens da fé. Ao invés disso, o cavaleiro da fé sabe que é estupendo pertencer ao geral. Sabe que é belo e útil ser o Indivíduo que se traduz no geral e que, por assim dizer, dá de si mesmo uma edição melhorada, elegante, o mais possível correta, que todos podem compreender; sabe quanto reconforta tornar-se inteligível a si mesmo no geral, de modo a entender este, e que todo o Indivíduo que o entender, a ele compreende o geral, ambos usufruindo do contentamento que a segurança do geral justifica.” (Id., 1979 p. 155).

O extremo atingido, dentro do plano da imanência, no quadrante da coletividade, que é o amor absoluto ao próximo (o filho Isaac) plasmado conceitualmente na “Comunidade”¹¹ e, no quadrante

⁽¹¹⁾ Conforme Brugger: “Para haver genuína comunidade, e não apenas uma massa, não basta a disposição meramente sentimental e instintiva; requer-se além disso, uma atitude valorativa do espírito, veneração e amor, ou, ao menos, respeito pela dignidade de pessoa alheia. A união de muitos, firmada em tal base, com o objetivo de alcançar a realização do fim comum com as forças conjuntas de todos, constitui a comunidade no sentido pleno do termo.” (Brugger pag. 93)

da individualidade, que é o “amor a si” enquanto “Pessoa humana” são, então, pré-condições para a transcendência, movimento infinito representado pela absoluta verticalidade que arremete para fora do plano da imanência.

Inevitável introduzir, dentro desse modelo onto-teleológico, o fenômeno polar desse movimento infinito, que se dá a partir do ódio absoluto¹² ao próximo e o egoísmo absoluto. Será lícito nessa última possibilidade, supor ser a “guerra” a categoria que supera os conceitos “massa” e “super-homem”¹³. Sem dúvida há de ser assustadora tal possibilidade em nossa época, pródiga desses dois fenômenos, especialmente quando se antevê, não raramente, na guerra, a oportunidade para à volta do indivíduo ao estado através do sacrifício da própria vida (e que o estado esteja sempre disposto a exigir de seus

⁽¹²⁾ O ódio, designa ao lado do amor a paixão fundamental: “Segundo a relação objetiva a bens ou males atuais, ausentes ou iminentes, S Tomás estabelece no primeiro grupo, como paixões fundamentais, o amor e o ódio...” (Brugger pag 310)

⁽¹³⁾ a - **Super-homem**: “O ideal de Nietzsche é o “super-homem”, o gênio; só o aparecimento deste confere pleno sentido à história humana. A moral do homem superior, penetrada de orgulho aristocrático, deve produzir uma “transformação de todos os valores” tradicionais, especialmente a supressão da escravizante moral cristã da humildade e amor ao próximo, deve descobrir as nocivas “ilusões axiológicas” oriundas do ressentimento e, em frente das adulterações de valores até agora imperantes, particularmente diante da proscrição lançada contra o corpo, deve adquirir uma nova atitude “para além do bem e do mal”, quer dizer, para além das tradicionais maneiras de apreciar o bem e o mal.” (Brugger pag. 278)

b- **Massa**: Heidegger chamava “das Man” (o se) a massa, o indivíduo que “não é si mesmo, os outros o esvaziaram do seu ser. O arbítrio de outros decide sobre as possibilidades cotidianas desse homem... (B. Mondin pag 167-168) Em Brugger se lê acerca da massa: “No domínio sociológico, entende-se por massa um grupo de seres humanos resultante, a um tempo, de seu grande número e da igualdade de sentimentos, de tendências, de intuições e de juízos, que, não raro, entorpecem, e até chegam a suprimir, os sentimentos, as tendências, os pensamentos e os juízos dos indivíduos (despersonalização). Ao contrário do que sucede com a comunidade, a massa carece geralmente de estrutura social, ou então esta, se existe, mostra-se ineficaz naquela. A massa, tomada como um todo, está sujeita às mais diversas influências assinaladas pela psicologia das massas.” (Brugger pag. 258-259)

cidadãos esse sacrifício “heróico”, espécie estranha de transcendência, não há que se duvidar diante da história)¹⁴.

Decorre, do que até aqui foi exposto, que a “auto-transcendência” por um lado e a “ciscendência” por outro, atuam como “conceitos integralizadores”, nos limites verticais do plano da imanência. Não há, no entanto, limite para o eixo horizontal posto que, esse é pura imanência; no entanto também há nesse eixo, conceitos integralizadores mas, que nesse caso, esvaziam-se de conteúdo valorativos, numa espécie de movimento dialético reverso, manifestos nos conceitos “indivíduo” integrando “pessoa” e “sujeito” bem como os conceitos “sociedade” integrando “comunidade” e “massa”.

Há de se perguntar, nesse momento, pelos limites pressupostos nos quadrantes e, embora subordinados aos proto-eixos, se as resultantes conceituais caminham também, teleologicamente, para o infinito. A resposta é positiva, na medida em que as resultantes rompem, por assim dizer, a horizontalidade e, dessa forma, apontam para as bordas do plano da imanência. A pergunta desdobra-se na possibilidade ou não de real transcendência por essas vertentes. Nessas resultantes encontraremos sínteses cosmovisionais tais como: “Deus Pessoa”, “Todo-

¹⁴ Acerca da guerra Hegel, por exemplo, chega a considerar que esta preserva a saúde ética dos POVOS...” Assim como o sopro dos ventos preserva o mar da podridão que resultaria de uma contínua calmaria, também a corrupção resultaria para os povos sob uma contínua ou, na verdade, “perpétua” paz...na paz, os cidadãos ficam absorvidos em seus próprios negócios e interesses, e deixam de identificar-se com o estado. Assim, o estado deixa de existir como indivíduo, a menos que os atraia de volta à unidade por meio da guerra, a qual exige que o cidadão esteja pronto a sacrificar sua propriedade e sua vida pelo estado.” Hegel vê esse sacrifício como um caso particular, da transitoriedade geral do FINITO. (DICIONÁRIO HEGEL pag. 156-159).

Uno”, “Deus Ausente” e “Cosmo-Orgânica”¹⁵. Cada uma dessas imagens paradigmáticas da divindade presentes nos quadrantes, traz a marca da imanência; derivam elas, em parte, da horizontalidade.

Quais são os conceitos que integralizam esses ultrar-conceitos: Absoluto, Cosmos, Logos, Nada, Caos? É uma questão que há de se colocar com realismo e humildade pois, aqui se chega, mais do que aos conceitos limites, aos limites dos conceitos. Ocorre que tais imagens do mundo “imago-mundi”, na verdade, correspondem ao que se observa como fenômenos, como cosmovisões presentes em cada pessoa, em cada povo ou cultura; são portanto, dentro de certos limites, conceitos inteligíveis.

É na forma dessas cosmovisões que o homem se relaciona com o infinito, no entanto, em geral, tangenciando com maior ou menor inclinação a verticalidade, evitando-a sempre que possível e, dessa forma, mantendo-se firmemente preso ao campo da imanência, seguro pela poderosa atração da horizontalidade. É na perigosa oscilação entre os quadrantes de mesmo sentido, que ocorre na verticalização, ainda que rápida, a vertigem; é o cavaleiro da fé, aquele que ousa se deter, de passagem, na verticalidade, realizando então o movimento infinito. Talvez, o análogo conceitual ao “cavaleiro da fé”, situado em sentido oposto, seja o “cavaleiro do caos”, esse

(15) A Escolástica quando trata de Deus, nesse caso o Deus pessoal, no Brugger, assim se refere: “...Deus é espírito puro e, por conseguinte, um ser pessoal o qual, conhecendo-se e amando-se, se possui e governa tudo o mais com sua providência.” (Brugger pag 125-127) Referindo-se ainda ao agnosticismo coloca a idéia de um Deus desconhecido (pag. 129) O ateu teórico positivo ou duvida da existência de Deus, como não provada suficientemente (é o caso particular do ceticismo) ou reputa impossível toda declaração unívoca acerca de Deus, por ela transcender nosso conhecimento circunscrito ao domínio da experiência (Agnosticismo) ou então está pessoalmente convencido da não-existência de Deus. (pag. 60-61) Ainda em Brugger, segundo se atribua a primazia a Deus ou ao mundo, temos: o panteísmo em sentido estrito, que dilui Deus no universo, e o panenteísmo que vê no mundo um puro modo de manifestação de Deus (o qual corresponde mais ou menos aos panteísmos transcendente e imanente-transcendente. Aparentada com esta é a distinção entre panteísmo e teopanisismo: segundo o primeiro Deus subordina-se ao Todo; ao invés, para o segundo o Todo, subordina-se a Deus. (pag. 311-312).

também oscilando entre os dois planos descendentes e se aventurando perigosamente à pausas na verticalidade, numa espécie de imersão, mergulho regressivo ao pré-formal.

Para que tais reflexões não nos induzam a perder, de sob os pés, o solo firme do plausível, cabe ressaltar que os movimentos infinitos são os movimentos de “personagens conceituais”, quiçá reais como afirma Kierkegaard mas em geral não acessíveis à abordagem fenomenológica exceto, talvez, pelos santos e sociopatas históricos. Nesse último caso, há inúmeros personagens presentes na literatura em todos os tempos, entre os quais “Gog” do romance homônimo de Giovanni Papini ou ainda Lobo Larsen de “O Lobo do Mar” de Jack London.

No entanto, se faz mister retornar ao campo do plausível e, no “mundo real”, mesmo aí, há como se observar fenômenos análogos aos movimentos infinitos expostos anteriormente, ainda que manifestados sob a forma simbólica nos rituais em diversas culturas como, por exemplo, no simbolismo das águas e nos ritos iniciáticos do xamanismo¹⁶. Voltando pois à Análise Existencial, é

¹⁶ É interessante citar a esse respeito Mirecea Eliade, numa passagem de “O Sagrado e o Profano” tratando da estrutura do simbolismo aquático: “Uma das imagens exemplares da Criação é a ilha que subitamente se “manifesta” no meio das vagas. Em contrapartida, a imersão na água simboliza a regressão ao pré-formal, a reintegração no modo indeferenciado da preexistência. A emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das Águas implica tanto a morte como o renascimento...Mas, tanto no plano cosmológico como no plano antropológico, a imersão nas Águas equivale não a uma extinção definitiva, e sim a uma reintegração passageira no indistinto, seguida de uma criação, de uma nova vida ou de um “homem novo”, conforme se trate de um momento cósmico, biológico ou soteriológico.” (M. Eliade pag. 110). Tal simbolismo, presente nos mitos e rituais ainda hoje ao exemplo do batismo, torna possível entender o significado da morte, do re-nascimento e da própria sexualidade humana nas diferentes culturas e, sem dúvida, está a justificar estudos mais sistemáticos de suas implicações nas psicopatologias e no comportamento humano em geral. Relativo também à regressão ao caos, vale destacar que tal processo, as vezes, se realiza literalmente, como é o caso por exemplo, nas doenças iniciáticas dos futuros xamãs, consideradas inúmeras vezes como verdadeiras loucuras: “Assiste-se, com efeito, a uma crise total, que conduz muitas vezes à desintegração da personalidade. O “caos psíquico” é o sinal de que o homem profano se encontra prestes a “dissolver-se” e que uma nova personalidade está prestes a nascer.” (M. ELIADE pag. 159)

através dela que procuraremos entender melhor o fenômeno “fé”. Viktor Frankl, de certa forma, concentra na idéia de “sentido da vida” as três virtudes teológicas: a fé, o amor e a esperança, como se segue nesse trecho:

“Seria um erro interpretar a idéia de vontade de sentido a modo de apelo para a vontade. A fé, o amor, a esperança, não se deixam manipular e fabricar. Ninguém lhes pode dar ordens. Até à intervenção da vontade se subtraem.” (Frankl-Psicoterapia e Sentido da Vida, 1989 p. 101).

Eis que o “Logos” encontra seu fundamento último na “fé”; daí ser essa, não a “fé” que arremete a um movimento “sem sentido” nas trevas do absurdo como em Kierkegaard¹⁷ mas, antes, aquela que permite a verdadeira ordenação do “Caos” para transformá-lo então, em “Cosmos”. Daí, novamente, a problemática ontológica remeter sempre à teleológica, na medida em que, o papel do homem, desse homem que busca sentido para a vida, **o seu logos é, forçosamente, ordenar o caos, transformando-o em cosmos, na sua ânsia de transcendência e, dessa forma, paradoxalmente, cabe-lhe ampliar, indefinidamente, o campo da imanência.**

DA ONTOLOGIA À EPISTEMOLOGIA

A partir das considerações anteriores, os desdobramentos desse método onto-teleológico se multiplicam em uma diversidade de campos do saber, abarcando, de alguma forma, toda a Cultura e,

⁽¹⁷⁾ Kierkegaard proclama que a religião não pode ser reduzida a um momento lógico de um sistema geral de pensamento, porque ela pertence à esfera da existência da vida. O estágio religioso não se alcança através da intuição, como pretendia Hegel, mas mediante a fé. O encontro com Deus, não se dá na imediação da visão, mas nas trevas da fé. E essa não é a conseqüência, a conclusão de um arrazoamento, mas é um ato de decisão, que comporta um salto para além de tudo o que se apoia na segurança das leis científicas e dos códigos morais. (B.Mondin pag 226)

é justamente nesse ponto que o método pode ser classificado como epistemológico. É no território delimitado pelos quadrantes, traçados pelos proto-eixos, entre os paradigmáticos conceitos até aqui analisados, que surgem os desdobramentos nos diferentes campos do conhecimento; de tal forma que, entre outros, veremos distribuídos, nesses quadrantes, as diversas escolas e correntes da Filosofia e Psicologia, as diferentes ideologias e, de certa forma, as próprias instituições sociais.

A colonização desses quadrantes, importante novamente ressaltar, não é arbitrária, no entanto, não se pretende tampouco infalível, visto que o método somente desenha, em linhas gerais, os paradigmas. Decorre daí, o risco de simplificação e generalização excessivas, no entanto, acredito que do ponto de vista epistemológico, o método permite atingir o cerne mesmo dos conceitos, sem deixar de reconhecer que esses, muitas vezes, estão aquém dos seus desdobramentos históricos.

Não se pretende, nesse estudo, ir muito além do que até aqui foi abordado num desbravamento de conceitos no campo filosófico, teológico, ideológico e assim por diante; deixo, então, para os estudiosos, se porventura enxergarem nesse método de epistemologia alguma virtude, a tarefa de ampliá-lo ou corrigi-lo; se assim for o caso, me darei por satisfeito tendo já produzido, quiçá, alguma saudável provocação intelectual. No entanto, é no campo da Psicologia, da Axiologia, da Ética Filosófica e da Bioética que se pretende prosseguir em próximas etapas, nos desdobramentos ainda imprevisíveis, do ponto de vista metodológico, nos aspectos do psicodiagnóstico, do diagnóstico existencial ou cosmovisional e, também, nas suas implicações terapêuticas. Esse intento se torna plausível na medida em que tal metodologia permite, como consequência, situar nos quadrantes os comportamentos e as condutas, ambos intimamente ligados aos conceitos dos quais são tributários.

Dessa forma, desenha-se aqui o desafio de incorporar à essa metodologia uma analítica existencial calcada nos fenômenos

observáveis no homo-patients. Uma analítica que permita, num primeiro momento, derivar os fenômenos observáveis na realidade para o plano dos conceitos e, tornado-os operacionais talvez através de uma analítica vetorial, num segundo momento, permita por em prática a psicoterapia propriamente e, em especial, a Logoterapia.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston: **A Formação do Espírito Científico**, Contraponto, Rio de Janeiro, 1966.
- BRUGGER, Walter: **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA**, Pedagógica e Universitária Ltda., São Paulo, 1987.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix: **O QUE É A FILOSOFIA?**, Ed. 34 Literatura S/C Ltda., São Paulo, 1992.
- ELIADE, Mircea: **O SAGRADO E O PROFANO - A essência das religiões**, Martins Fontes, São Paulo, 1996.
- ESPINOSA, Baruch De: **ÉTICA/TRATADO POLÍTICO**, in Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- FRANKL, Viktor E.: **FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS DA PSICOTERAPIA**, Zahar Editores, 1978.
- FRANKL, Viktor E.: **LA PRESENCIA IGNORADA DE DIOS - PSICOTERAPIA Y RELIGION**, Editorial Herder, Barcelona, 1988.
- FRANKL, Viktor E.: **PSICOTERAPIA E SENTIDO DA VIDA**, Quadrante, São Paulo, 1989.
- INWOOD, Michael: **DICIONÁRIO HEGEL**, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997.
- KIERKEGAARD, Soren: **TEMOR E TREMOR**, Tecnoprint S/A, Rio de Janeiro.
- KIERKEGAARD, Soren: **TEMOR E TREMOR**, Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

MANN, Thomas: **A MONTANHA MÁGICA**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.

MONDIN, Battista: **O HOMEM, QUE É ELE?** Elementos de Antropologia filosófica, Edições Paulinas, São Paulo, 1980.

MOUNIER, Emmanuel: **O PERSONALISMO**, Martins Fontes Ed. Ltda., Lisboa, 1976.

NUÑEZ, Flavio: **PSICOLOGÍA Y PSICOPATOLOGÍA DE KARL JASPERS**, Centro Editor Argentino, Buenos Aires, 1979.